

UM OLHAR CRÍTICO: O PENSAMENTO DE MARX ACERCA DA RELIGIÃO.

A CRITICAL VIEW: MARX THINKING ABOUT RELIGION.

Robertino Lopes¹

Resumo

Este artigo expõe alguns pontos do pensamento de Karl Marx acerca da religião. Ao analisarmos o contexto em que ele se apresenta procuramos discutir os conceitos que Marx propõe - seja ele de alienação, seja de ideologia - e suas implicações na temática da religião. Marx apresenta uma justificativa para condenar a religião, pois a mesma seria instrumento de controle social e de truncamento do potencial humano. Como Marx não escreveu sobre, nem estudou especificamente religião, partimos de fragmentos de textos, bem como de autores especializados (Urbano Zilles e Ivo Lesbaupin) para desenvolver esta reflexão.

Palavras-chave: Religião. Alienação. Dialética. Ideologia.

Abstract

This article exposes some topics on Karl Marx's thoughts about religion. Analyzing the context on which it is presented we search to discuss the concepts proposed by Marx – both alienation and ideology – and its implications in the theme of religion. Marx presents a justificatory to condemn religion since it would be an instrument for social control and for truncation of human potential. As Marx did not write about nor even studied religion specifically, we base from fragments of texts as well as specialized authors (Urbano Zilles and Ivo Lesbaupin) to develop the present reflexion.

Key-words: Religion. Alienation. Dialectics. Ideology.

Introdução

Filósofo, economista e cientista político alemão, Marx nasceu em Tréveros em 15 de maio de 1818, cidade capital da província do Reno, cuja tradição remota aos tempos de Roma. Filho de classe média, cujo pai era advogado e a mãe, uma judia dedicada à família. Sofre influência desde cedo do universo judaico mas devido ao seu radicalismo foi expulso de vários países europeus. O pensamento marxista exerceu profundas influências nas mais diversas áreas ligadas ao conhecimento humano: Filosofia, Sociologia, Economia e Educação.

O jovem Marx, depois de estudar direito um ano (1835) em Bonn, foi a Berlim e integrou-se ao clube dos doutores da esquerda hegeliana (composto por David Strauss, Bruno Bauer, Hess e Max Stirner). Esta influência o fez tornar-se ateu. Como afirma Zilles (1991): “A doutrina de Karl Marx nasce, no século XIX, da confluência do materialismo da ciência natural com o socialismo francês, penetrada e animada pelo espírito da dialética de Hegel”. A grande contribuição de Hegel para Marx vai ser o resgate da dimensão da Temporalidade e da Historicidade - em outras palavras, a

¹ Filósofo pela UFPB (Licenciatura e Bacharelado), Teólogo pela Escola Teológica Ministerial da Arquidiocese da Paraíba, aluno de Teologia do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição, graduando do 4º Período de Ciências das Religiões pela UFPB e bolsista do PIBIC.

perspectiva dialética do pensamento filosófico, que não vê no real algo pronto ou mesmo acabado, pelo contrário, enxerga que estamos diante de um “vir a ser”, de um movimento para frente, de um constante “devir”, como diria Heráclito de Éfeso. Marx coloca a dialética hegeliana com os pés na realidade.²

É preciso destacar que, inicialmente, que ele não se preocupou, nem mesmo se ocupou vastamente da temática ligada à religião. Ela se mostra presente nos primeiros anos de sua atividade intelectual e depois vai aparecer na forma de afirmações esporádicas em suas obras; para melhor dizer, não há em seu trabalho uma preocupação específica em dedicar uma obra completa a essa temática. Entretanto, mesmo priorizando outras questões, deu alguma relevância a esse aspecto.

Lênin, continuador da ideologia marxista e fundador do partido, diz: “A teoria de Marx é a verdadeira herdeira do que de melhor produziu a humanidade no século XIX, na forma da filosofia alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês”. Marx teria conseguido passar de uma realidade puramente teórica para o momento da práxis; este salto só teria sido possível por sua compreensão do pensamento hegeliano - o que influenciará direta e indiretamente toda sua obra.

Ao falar de marxismo e religião é preciso, antes de tudo, distinguir o que a tradição vulgarizada do marxismo nos transmitiu e o que efetivamente Marx e Engels pensaram sobre a religião. Essa tradição não nos transmitiu apenas uma teoria, um conjunto de idéias – resumidas na afirmação “a religião é o ópio do povo” – mas uma história de oposições (LESBAUPIN, 2011).

Marx era ateu muito antes de ser comunista. Sua atitude anticapitalista não foi pressuposto, mas confirmação. Aceitara o ateísmo da esquerda hegeliana de Berlin e de Feuerbach. A inteligência de Marx conseguiu que o ateísmo se tornasse o fundamento e a ideologia para o socialismo até os nossos dias. Diz Zilles (1991), citando os manuscritos econômico-filosóficos de Paris: “O ateísmo é o humanismo pela superação da religião, e o comunismo é o humanismo pela superação da propriedade privada”. Sua passagem por Paris, o contato com as idéias socialistas, com a miséria do proletário industrial - embora ele próprio nunca tenha sido operário - fez com que se tornasse socialista e comunista. Engendra em pensamento uma organização dos trabalhadores e torna-se “o teórico do proletariado” (Zilles, 1991). Para Marx o ateísmo é algo bem claro, tão claro que não carece de nenhuma investigação mais apurada de sua parte. Deus não passa de uma projeção do homem, e assim a religião nada mais é que produção e alienação do homem; Berg diria que ela (a religião) seria uma legitimadora das questões humanas, logo, manipulável. “A religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas” (BERG, 1985).

O homem é o criador da religião. Quando propõe uma análise da religião, Marx quer verificar os conflitos dela oriundos, sua superação e conseqüente destruição desses conflitos. A religião é o sentimento de paz e harmonia de uma sociedade alienada. É um momento necessário em um mundo alienado porque o justifica, legitima-o (BERG, 1985) O protesto religioso contra este mundo permanece inconseqüente porque propõe uma solução para além da história, para além-túmulo. A religião apenas oferece a libertação espiritual do homem, a libertação imaginária e ilusória, meramente aparente e abstrata. Somente a práxis revolucionária, o exercício dialético-histórico, seria capaz de

² Marx passa do idealismo hegeliano para uma práxis histórico-crítica, ou seja, uma dialética com “os pés no chão”. Essa expressão explícita que ele vai além de Hegel, pois pensa na praticidade da realidade e não em algo idealizado como distante ou uma realidade atemporal.

emancipar plenamente o proletário industrial, dispensando o protesto e o consolo religiosos.

Na primeira fase, então, Marx trabalha a religião como *alienação*. Numa segunda fase, iniciada na *Ideologia Alemã* (1845) – onde se firmam os princípios teóricos que serão o fundamento de sua produção intelectual – Marx classifica a religião como *ideologia*. Na *Ideologia Alemã*, Marx e Engels consideram as ideias como carentes de autonomia própria, como produto da atividade material do homem. A formação das idéias - sejam elas filosóficas, morais, religiosas ou de outro tipo – explica-se a partir da maneira como os homens produzem os bens materiais (LESBAUSPIN, 2011).

Marx entende que a religião é uma consciência equivocada, errada em relação ao mundo. Enquanto protesto contra as situações humanas é protesto ineficiente, falho, porque desvia atenção desse mundo e de sua transformação para outro, para o Além, algo que, de antemão, não oferece garantia nenhuma, firmeza ou mesmo certeza concreta, sendo possível apenas abstrair ou até nominar pela fé, por sentimentos; ou seja, não é algo confiável pelo viés da razão, nem tampouco pela práxis histórica.

Dessa maneira a religião funciona como calmante: “É o ópio do povo”. A religião retira a capacidade humana de ver a realidade, hipnotizando os homens pela falsa superação da miséria, com falsas imagens, destruindo sua força de revolta; revolta essa que poderia levar o homem a uma superação dessa realidade - em outras palavras, a religião anula todas as possibilidades, todas as tentativas do homem mudar, superar, transpor as barreiras impostas pelo capitalismo à sua existência. Para Marx o homem deve entender o processo histórico e superá-lo e isso só acontece na medida em que o homem sai do plano teórico para a práxis, ou seja, não basta entender, é preciso ainda superar. A religião entravaria este processo, tornando o homem passivo neste contexto, daí sua condição alienante. Para ele não há uma ordem natural das coisas, tudo pode ser transformado.

A crítica de Marx é erguida e sustentada sobre o eixo das alienações nas suas mais diversas formas de manifestação. Por alienação ele tem um entendimento diferente de Hegel quanto ao sentido da exteriorização - um caráter pejorativo, histórico ou real. Tratar-se-ia de situações em que o homem perdeu a si mesmo. Distingue a alienação religiosa da política, social, econômica e da filosófica.

Na alienação religiosa, o homem projeta para fora de si, de maneira vã e inútil, seu ser essencial, o que faz com que ele não veja a realidade (ou a veja de forma deformada) e perde-se na ilusão de um mundo transcendente, bem melhor que o atual, digamos, um mundo seguindo outra lógica, havendo compensações em relação ao daqui, oferecendo uma esperança possível apenas nesse mundo transcendente. Aceita, pois, o conceito feuerbachiano de alienação. A religião nada mais é que a projeção do ser do homem em um mundo ilusório. Com ela aliena-se a si mesmo. Em outras palavras: “A religião é então reflexo ilusório, fantástico, das relações de dominação de classe, de exploração: as idéias religiosas exprimem, justificam e escondem a realidade da dominação. A religião é ideologia, falsa consciência”. (LESBAUSPIN, 2011). É a idéia que a religião não tem substância própria.

A religião faz do sujeito, predicado, alcançando Deus sobre as nuvens em vez de dar-se conta de que o céu está sobre a terra. Enquanto Feuerbach se contentara em denunciar intelectualmente a alienação religiosa, sem indagar as causas, Marx admite que a religião é uma ilusão, mas não só intelectual. A alienação religiosa deve ser analisada, compreendida e até refutada a partir da situação histórico-social concreta. Porém a religião é a expressão mais viva da alienação do homem e não seu fundamento. A essência da alienação do homem encontra-se no contexto econômico, no tipo das

relações de produção geradas no mundo capitalista, contexto esse que a religião aceita passivamente. Essa relação de produção reduz o homem a um estado de engrenagem, de mera peça, subtraindo do homem sua essência pensante e transformadora: “Destruindo essa estrutura econômica também se destrói a religião que é o seu produto. São as estruturas econômicas que, segundo ele, geram falsa consciência, que é a religião. Assim a idéia de Deus é resultado de uma economia alienante” (LESBAUPIN, 2011).

É uma forma da existência humana intrinsecamente falsa. A religião nasce, segundo Marx, da convivência social e política perturbada dos homens, de lacunas deixadas pela própria condição humana. O crente suspira uma felicidade ilusória para esquecer sua desgraça presente, ignorando a realidade prática e histórica; significa dizer que seu olhar está difuso, pois não enxerga o que está diante de si. Desta forma a religião é o ópio do povo, porque contribui para esta visão distorcida de si e do seu entorno. Para libertar o proletariado e a humanidade da miséria seria preciso destruir o mundo que gera a religião.

Na história da humanidade primeiro agem as forças da natureza, depois as forças sociais, resultando em um arcabouço de situações, ideias, conceitos - enfim, na cultura. Em decorrência, todos os atributos naturais e sociais dos muitos deuses são vinculados a um único Deus onipotente, reflexo do homem abstrato. No mundo da economia burguesa diz-se: “O homem pensa e Deus ajuda”. Mas para Marx Deus é apenas consolação interesseira, justificação ilegítima para coisas legítimas. Segundo Marx, a religião não terá mais razão de ser quando a vida social aparecer como “obra de homens livremente associados, agindo conscientemente e mestre de seu próprio movimento social” (MARX, 1965).

Conclusão

A crítica de Marx deve ser entendida, a princípio, como um exame ideológico do cristianismo burguês de sua época, sua ideologia e a instrumentalização. Isto afetaria diretamente as relações de produção, advindo daí ser mais um instrumento de alienação e escravidão do proletariado. Ele analisa a função da religião na sociedade do século XIX, interessando-se pelo papel por ela ocupado, mas não estudou sistematicamente a religião. “Na síntese hegeliana, o cristianismo deixa de ser religião para ser tão-somente cultura. Desta síntese origina-se, de um lado, a solução social de Feuerbach e Marx como humanismos absolutos e, de outro, a solução religiosa que rompe com o mundo e a sociedade.

Referências

- BERGER, Peter. O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- LESBAUSPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: Sociologia da Religião – Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: Sobre a Religião. Lisboa: Edições 70, 1975, p.47-49.
- _____. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos: seleção de textos de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores. 2 ed.
- REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário. História da Filosofia - do Romantismo até os Nossos Dias. São Paulo: Paulus, 1990.vol III

ZILLES, Urbano. Filosofia da Religião. São Paulo: Paulus, 1991.